



ÁGUA VIVA DE CLARICE LISPECTOR E A FILOSOFIA DE LUDWIG WITTGENSTEIN: INTERSEÇÕES LITERÁRIO-FILOSÓFICAS

CLARICE LISPECTOR'S ÁGUA VIVA AND LUDWIG WITTGENSTEIN'S PHILOSOPHY: LITERARY-PHILOSOPHICAL INTERSECTIONS

Katya Queiroz Alencar
katyauni@hotmail.com

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes

Resumo: o objetivo deste estudo é discutir, a partir da construção estético-ficcional de *Água viva*, de Clarice Lispector, algumas interseções possíveis com traços do pensamento filosófico de Ludwig Wittgenstein, tanto o desenvolvido em seu *Tratado lógico-filosófico* quanto em *Investigações filosóficas*. Na hipótese, defende-se *Água viva* como texto ficcional intrincado, cuja estética apresenta perspectivas referenciais que deslocam a linguagem do estado do dizer para o do mostrar, trazendo rastros da teoria pictórica da frase e dos jogos de linguagem propostos nas filosofias analíticas de Wittgenstein. Como consequência, Lispector permite, pela experimentação linguística e ficção, ao leitor trilhar uma escrita literária, que especula possível relação ontológica entre o mundo, a linguagem e o pensamento.

Palavras-chaves: Literatura; *Água viva*; Filosofia da linguagem; Ludwig Wittgenstein.

Abstract: The objective of this study is to discuss, based on the aesthetic-fictional construction of *Água viva*, by Clarice Lispector, some possible intersections with traces of Ludwig Wittgenstein's philosophical thought, developed in his *Tratado lógico-filosófico* as well as in *Investigações filosóficas*. As a hypothesis, *Água viva* is advocated as an intricate fictional text, whose aesthetics presents referential perspectives that shift the language from the state of saying to that of showing, bringing traces of the pictorial theory of phrase and of language games proposed in Wittgenstein's analytical philosophies. As a consequence, through linguistic experimentation and fiction, Lispector allows the reader to follow a literary writing that speculates a possible ontological relationship between the world, language and thought.

Keywords: Literature; *Água viva*; Philosophy of language; Ludwig Wittgenstein.



1. Introdução

Como captar o “é da coisa”? Eis o desafio da narradora de *Água viva*, novela escrita por Clarice Lispector em 1973. Esse livro traz um enredo não linear de uma personagem feminina que, em diálogo com um “outro”, que pode ser o leitor ou qualquer pessoa (inclusive ela mesma em monólogo), procura captar o “it” ou o “é da coisa” na “quarta-dimensão” do “instante-já”, “atrás do pensamento”: “Eu te digo: estou tentando captar a quarta dimensão do instante-já que de tão fugidio não é mais porque agora tornou-se um novo instante-já que também não é mais. Cada coisa tem um instante em que ela é. Quero apossar-me do é da coisa”.¹

Na área da filosofia da linguagem, o filósofo Ludwig Wittgenstein escreve no primeiro aforismo do seu *Tratado lógico-filosófico*: “O mundo é tudo que é o caso. O mundo é a totalidades dos fatos e não das coisas.”² Dizer que o mundo é a totalidade dos fatos e não das coisas significa afirmar que Wittgenstein levava em conta todas as possibilidades combinatórias das coisas que estão implícitas na natureza da própria coisa. Wittgenstein é um dos mais respeitáveis filósofos analíticos da linguagem, que, dentre seus escritos, deixou duas importantes obras: *Tratado lógico-filosófico*³ e *Investigações filosóficas*⁴. Esses dois livros fazem parte de fases distintas do pensamento do filósofo.

A partir do exposto, pergunta-se: o que Wittgenstein, com sua filosofia da linguagem, e Clarice Lispector, com a novela *Água viva*, teriam em comum ao

1

LISPECTOR, 1998, p.02.

2

WITTGENSTEIN, 1995, p. 03.

3

Livro publicado na Alemanha em 1921 com o título *Logisch-philosophische Abhandlung*.

4

Esse livro foi publicado postumamente em 1953, numa edição bilíngue alemão/inglês, cuja tradução para o inglês foi feita por G. E. M. Anscombe.



especular o “é da coisa”? O que poderia unir uma escritora ficcional e um filósofo da linguagem? Apesar de estarem em áreas distantes, é possível dizer que ambos desenvolveram trabalhos em que a preocupação girou em torno da natureza da linguagem ou da especulação da ligação dela na representação e compreensão do mundo real. Em função disso, o objetivo deste estudo é discutir, a partir da construção estético-ficcional de *Água viva*, possíveis interseções com os traços do pensamento filosófico de Ludwig Wittgenstein, tanto o desenvolvido no *Tratado lógico-filosófico* quanto em *Investigações filosóficas*, considerando as suas diferentes peculiaridades. O estudo se pauta em bases metodológicas de cunho exploratório e descritivo (bibliográfico), método qualitativo, abarcando estudos comparativos, a fim de estabelecer pontos de contato e distanciamento entre o literário e o filosófico.

Por hipótese, defende-se *Água viva* como texto ficcional intrincado, passível de contemplar em sua estética perspectivas referenciais que deslocam a linguagem do estado do dizer para o do mostrar, originando o místico e também revelando a impossibilidade da linguagem expressar uma mimese exata do mundo. Nesse sentido, o místico, o inefável e o inexprimível poderão se revelar pelo simbólico, mas não ser “ditos” com precisão. Defende-se também que *Água viva* traz, em sua estética textual, rastros da teoria pictórica da frase e dos jogos de linguagem propostos nas filosofias analíticas de Wittgenstein, considerando as suas duas fases.

Essas características em *Água viva*, estrategicamente, tendem a levar a linguagem ao limite de significação ou pelo menos conscientizar o leitor dessa possibilidade ou necessidade. Como consequência, Lispector permite, pela experimentação linguística, uma abertura pragmática do texto literário para sentidos inusitados, produzindo estranhamentos semânticos, além de propiciar leituras de fruição que desafiam e convidam o leitor a trilhar os labirintos de uma escrita com possível viés epistemológico, que especula, pela ficção, a relação



ontológica entre o mundo, a linguagem e o pensamento.

Em seu artigo *A dialética da linguagem e do silêncio* em Ludwig Wittgenstein e Clarice Lispector, o filósofo Paulo Roberto Margutti Pinto, tomando como referência discussões de outro filósofo alemão, Iris Hermann, que também aproxima Lispector de Wittgenstein, ressalta que “Nós, brasileiros, parecemos ter desenvolvido um modo especial de lidar com a filosofia com respeito às grandes construções metafísicas. [...] E isto geralmente encontra numa obra literária expressão mais adequada [ao tema] do que numa filosófica.”⁵ Para Pinto, a dialética entre Wittgenstein e Clarice é mais evidente se, em Wittgenstein, separarmos a lógica da ética, e é nessa última que se ergue a via mística entre ambos, preparada pela inquietação existencial, a paixão da linguagem e exercitadas no confronto com os limites do exprimível. Pinto afirma: “Clarice está interessada em algo que se encontra para além da linguagem, ao passo que Wittgenstein procura por algo que está na própria linguagem, embora não possa ser expresso por ela.”⁶ Sob essa perspectiva, justifica-se esse diálogo filosófico-literário.

2. Desenvolvimento

2.1 Clarice e o projeto literário de língua[gem] como autoconhecimento

Em 1963, segundo Teresa Montero e Lícia Manzo⁷, Lispector foi convidada para proferir palestra no *XI Congresso Bienal* do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana, na Universidade do Texas, e o tema era a vanguarda na literatura brasileira. Para cumprir o compromisso, a escritora produziu uma

5

MARGUTTI PINTO, 2005, p.02.

6

MARGUTTI PINTO, 2005, p.02

7

MONTERO E MANZO, 2005, p. 95-111.



espécie de ensaio⁸, intitulado “Sobre o conceito de vanguarda”. Nele, ela afirma que considera a Semana de Arte Moderna e a sua repercussão como movimento de posse e salienta que “a vanguarda de forma modifica o conceito das coisas, mas há o outro modo de vanguarda, que é uma maneira de ver que vai lenta e necessariamente transformando a forma.”⁹ Nessa oportunidade, defende o sentido de vanguarda como um novo modo de apreensão do mundo e de compreensão de si mesmo (autoconhecimento), que, na concepção dela, levaria a uma mudança formal no modo de ser feito literatura:

Estou chamando o nosso progressivo autoconhecimento de vanguarda. [...] Pensar a língua portuguesa do Brasil significa pensar sociologicamente, [psicologicamente], filosoficamente, linguisticamente sobre nós mesmos. Os resultados são e serão o que se chama de língua[gem] literária, isto é, língua[gem] que reflete e diz, com palavras que instantaneamente aludem a coisas que vivemos; numa linguagem real; numa linguagem que é fundo-forma, a palavra é, na verdade, um ideograma.¹⁰

Para Lispector, a palavra se torna mais do que código, passando à categoria de vida primária, pulsante, que diz sobre os sujeitos e sobre as suas experiências, suscitando reflexões gerais em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano e das relações que se estabelecem entre o sujeito que indaga e o objeto inerte (o mundo). A biógrafa Nádia Batella Gotlib corrobora isso ao proferir que, na escrita ficcional de Lispector, é a “própria palavra que constrói

8

No livro *Clarice Lispector: outros escritos*, organizado por Tereza Montero e Lícia Manzo, consta o texto dessa palestra proferida por Lispector, intitulada “Literatura de vanguarda no Brasil”, 2005, p. 95.

9

LISPECTOR, 1992, p. 121-123.

10

LISPECTOR, 1992, p. 123.



a busca de uma identidade, nesta ‘vida que se conta’¹¹, já que a escritora costumava afirmar: “Não sei separar os fatos de mim [...]”¹² Desse modo, é possível constatar que criação e realidade (linguagem/filosofia) em *Água viva* são experiências que dialogam em cenas ficcionais.

É válido ressaltar que, ao longo de seus trinta e sete anos de carreira, Lispector traçou a própria trajetória de criação literária. Durante esse período, em que seu trabalho foi reconhecido pela crítica, a escritora produziu romances, contos, obras infantis, correspondências, textos literários e jornalísticos que discutiram questões filosófico-existenciais, em sua grande parte vinculadas ao universo feminino e mantendo um tipo de unidade interna e linear. Todavia, uma década antes da sua morte, em 1977, Lispector mudou o modo de suas composições literárias, tornando-as muito mais heterogêneas, seja em seu conteúdo ou em sua forma. *Água viva* faz parte dessa fase.

Conforme Benjamim Moser, desde o início da carreira de Lispector, os leitores a consideravam uma *outsider* e, ao mesmo tempo, uma escritora brasileira. É apropriado lembrar que, quanto à origem, Lispector é uma escritora naturalizada brasileira, cujo nome oficial era Chaya (“vida” em hebraico). Chaya nasceu na Ucrânia, em Tchetelnik, no dia 10 de dezembro de 1920, em uma família judaica. No Brasil, a criança passou a ser chamada pelo nome de Clarice Lispector. Para Moser, foi o poeta Lêdo Ivo, no entanto, quem melhor captou o encontro discursivo intercultural na estética da escritora, quando afirmou: “Essa prosa fronteiriça, emigratória e imigratória, não nos remete a nenhum dos nossos antecessores preclaros [...] Dir-se-ia que ela, brasileira naturalizada, naturalizou

11

GOTLIB, 1995, p. 15.

12

GOTLIB, 1995, p. 77 (Citação extraída por Gotlib do conto “Restos do Carnaval”. Ver a seguinte referência: LISPECTOR, Clarice. “Restos do Carnaval”. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998).



uma língua.”¹³ Esse fato possivelmente justifica a produção de obras ficcionais pela escritora, cuja escrita tende também a dissolver limites ou fronteiras interdisciplinares, podendo ser lida sob a luz, inclusive, da filosofia.

2.2. *Água viva* e a coletânea de imagens

Água viva, desde a sua publicação, é apontada pela crítica como uma obra de ficção atípica, com estrutura de coletânea de imagens interconectadas e deslocadas da sua origem, todas fragmentadas por inúmeros comentários, divagações intimistas sobre o processo de criação literária e a existência, assim como a repercussão dos fatos do mundo no indivíduo. Edgar César Nolasco, em *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escrita*, defende que *Água viva* se constrói por um tipo de “escrita ficcional de si”¹⁴ em desordem, como um diário autoficcional em que o “eu” ficcional do sujeito é que enuncia e narra, empenhando-se em contar a sua própria experiência. Conforme Nolasco, *Água viva* nasce em tumulto criativo e pelo recorte e colagem de fragmentos de outros textos escritos pela própria escritora, tais como crônicas, contos e, ainda, por objetos guardados e reminiscências da autora empírica. Lispector o definiu como um livro de “achados ou perdidos”. A escritora, em entrevista concedida à *Revista Textura*¹⁵, em maio de 1974, transcrita por Gotlib, comenta: “Esse livrinho tinha 280 páginas; eu fui cortando – cortando e torturando – durante três anos. Eu não sabia o que fazer mais. [...] tinha outro nome *objeto gritante*, mas não tem função

13

MOSER, 2009, p.24. (Fala de Lêdo Ivo transcrita por Benjamim Moser no livro *Clarice*, que originalmente foi publicado no *Caderno de Literatura Brasileira: Clarice Lispector*, 2004, p. 48.

14

NOLASCO, 2001, p. 195.

15

Trecho transcrito da entrevista concedida por Clarice Lispector à *Revista Textura* (SEM ASSINATURA). “Clarice Lispector”. São Paulo: Letras/Universidade de São Paulo, maio de 1974.



mais. Eu prefiro *Água viva*, coisa que borbulha na fonte.”¹⁶ Esse borbulhar de permutas de sentidos intratextuais e intertextuais se revela na obra como ato de escrita: “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra — a entrelinha — morde a isca, alguma coisa se escreveu. [...] aí cessa a analogia.”¹⁷ Ao ser interrogada por Affonso Romano de Sant’anna e Marina Colasanti sobre esse aspecto na obra *Água viva*, Lispector responde:

Affonso Romano de Sant’anna: [...] *Água viva* [...] dá a impressão de uma coisa fluida e que teve um jorro só de elaboração. Ele não passou por esse processo seu de coletar pedaços? Você foi escrevendo enquanto montou? / Clarice Lispector: Não, também anotando coisas.

Marina Colasanti: Muitos trechos do teu trabalho no Jornal do Brasil eu reencontrei depois em *Água viva*. Você usava ali muito das tuas anotações, não é, Clarice? / Clarice Lispector: Claro! Eu estava escrevendo o livro e detestava fazer crônicas, então eu aproveitava e publicava. E não eram crônicas, eram textos que eu publicava.¹⁸

Lispector define, portanto, o processo de criação literária de *Água viva* como ato de reciclagem textual, somado a um pensamento instantâneo, inaugural, fragmentado e incompleto: “no início de uma história, acho que tenho um vago plano inconsciente que vai desabrochando à medida que trabalho. Fundo e forma sempre foram uma coisa só. A frase já vem feita.”¹⁹

16

GOTLIB, 1995, p. 410.

17

LISPECTOR, 1998, p. 13.

18

LISPECTOR, 2005, p. 147-148.

19

Apud BORELLI, 1981, p.81-82



2.3. Wittgenstein e o pensamento em fases

Segundo Cláudio Ferreira Costa, em *Filosofia analítica*²⁰, Ludwig Wittgenstein nasceu em Viena, em 1889, filho de uma família rica, e morreu em Cambridge, em 1951, sendo considerado por muitos como um dos mais importantes filósofos do século XX. Usualmente, a filosofia de Ludwig Wittgenstein é dividida em duas fases: a do jovem Wittgenstein I, descrito em *Tratado lógico-filosófico*; e a do Wittgenstein II em *Investigações filosóficas*, publicado postumamente à morte do filósofo e que ilustra o que ele pensou depois de 1930. Entre as duas fases do pensamento de Wittgenstein, surgiram rupturas e inovações, mas mantiveram um fundo de interesse comum: discutir a natureza da linguagem sob perspectivas estéticas, morais, artísticas e místico-éticas. É válido destacar que Wittgenstein foi amigo dos principais filósofos analíticos da época, como Bertrand Russel, George Edward Moore e John Maynard Keynes, que circulavam pela Inglaterra e Cambridge. O filósofo austríaco teve uma vida intensa e tumultuada, vivendo entre guerras, suicídios de familiares, abandono temporário da filosofia, etc. Nesse sentido, como afirma Costa²¹, Wittgenstein buscou na filosofia uma forma de libertação e um modo de resolver os seus conflitos.

2.4. *Tratado lógico-filosófico e Investigações filosóficas*

Wittgenstein escreveu o *Tratado lógico-filosófico* quando ainda servia na Primeira Guerra Mundial e o publicou em 1921. Conforme Costa²², os postulados

20

COSTA, 1992, p.51.

21

COSTA, 1992, p.51.

22



ou teoria presentes no *Tratado*, que, posteriormente, receberam críticas do seu próprio autor, foram denominados “Teoria da figuração”. Por meio dela, o filósofo busca, pela perspectiva matemática, um modelo da linguagem. Essa teoria procura explicar a ligação entre a estrutura lógica do mundo e a da linguagem. Nesse estudo, Wittgenstein defende que, para falar do mundo, é preciso entender uma concepção pictórica da linguagem — as proposições ou frases são como quadros. Para isso, ele discute sobre o mostrar e o dizer: do ético-estético e místico à proposição como modelo (*Bild*), especulando a natureza do pensamento, da linguagem e da lógica, bem como dizendo sobre a vontade, o sujeito e os limites do mundo. A teoria do *Tratado* defende que tanto o mundo quanto a linguagem são “complexos” constituídos por elementos simples, organizados em estruturas lógicas. No mundo, esses elementos simples são os fatos. E, na linguagem, eles são as palavras, que se organizam constituindo frases. É de ordem correspondente a relação entre objetos e palavras, assim como é isomórfica a relação entre fatos e frases com sentidos. Em função disso, o filósofo austríaco, nessa fase, se preocupou com a teoria referencial do significado, ou seja, “[...] as palavras da linguagem denominam objetos — frases são ligações de tais denominações”²³, alimentando a crença de que a linguagem representa o mundo e de que isso deve ser feito com fidelidade, mostrando-o por proposições ditas, para que exista verdade no representado.

Todavia, ao finalizar esse livro, o filósofo discute ainda sobre as relações que não podem ser ditas por palavras, mas podem ser mostradas: “Acerca daquilo que não se pode falar, tem que se ficar em silêncio”.²⁴ Para Wittgenstein, ver o mundo demanda transcender as proposições e, por conseguinte, os fatos ou

COSTA, 1992, p.5.

23

WITTGENSTEIN 1995, § 1 IF, p. 172.

24

WITTGENSTEIN, 1995, § 6.54 TLF, p. 142.



o estado de coisas²⁵. Se isso ocorre de fato, há o inexprimível, o subjetivo que o filósofo denomina por místico ou ético-estético, acontecendo quando se contempla o mundo como um todo limitado. Sobre isso, ele afirma:

O sentido do mundo tem que estar fora do mundo. No mundo, tudo é como é, e tudo acontece como acontece. Nele, não existe qualquer valor — e, se existisse, não teria nenhum valor [...] por isso, não pode haver proposições da ética [...] a ética não se pode pôr em palavras [...] a ética é transcendental (a ética e a estética são Um).²⁶

Desse modo, a lógica para Wittgenstein também é transcendental, assim como a ética e a estética, pois todas elas espelham o mundo, mas não são essencialmente os fatos do mundo.

Em sua segunda fase, com pensamentos elaborados a partir de 1932 e publicados postumamente em *Investigações filosóficas*, Wittgenstein trata da mesma temática do *Tratado*, o problema da linguagem; porém, nesse livro, há o deslocamento de métodos que o induz a afirmar sobre a impossibilidade da exatidão da lógica como estruturadora do pensamento, assim como do mundo e da linguagem. Ele passa a considerar, então, a precisão do significado como relativo e indissociável do contexto. Nas *Investigações*, o filósofo combate especialmente o referencialismo²⁷ do *Tratado*. Nessa fase, a linguagem passa a ser algo dinâmico, que o filósofo designa por “jogo de linguagem”, situando essa atividade humana nos âmbitos culturais e históricos e sendo ela guiada por regras da gramática tal qual num jogo de xadrez. Nesse sentido, o significado de uma proposição passa a depender do contexto em que ela é usada.

25

No *Tratado*, “o estado de coisas” é a conexão entre a linguagem e os objetos.

26

WITTGENSTEIN, 1995, § 6.41 – 6.421, p. 138.

27

Referencialismo no pensamento de Wittgenstein I: para uma palavra possuir significado, ela deve necessariamente corresponder a um objeto ou a um fato do mundo.



2.5. *Água viva* e interseções com os pensamentos de Wittgenstein

O objetivo de Wittgenstein quando publicou o *Tratado lógico-filosófico* foi procurar respostas sobre como é possível falar acerca do mundo. Há também em *Água viva*, pela via da ficcionalidade, uma preocupação especulativa de Lispector em fotografar, pela palavra, os fatos existenciais, filosóficos e linguísticos do mundo. Essa especulação vem performatizada pela paixão da linguagem, possivelmente trágica e, ainda, pela impossibilidade dela de descrever essa realidade inventada.

Na tentativa de captar o instante e a sua inscrição no espaço, a narradora da novela clariciana solicita a ajuda do leitor. Institui-se, com isso, a encenação de um jogo comunicativo-ficcional, abrindo um processo dialético de linguagem de um “eu” para um “tu”. Esse fato estabelece a ponte de compreensão da matéria, dentro de um tempo (o instante-já) — instante da leitura. Na ficção clariciana, essa denominação de tempo é construída pela palavra que procura indagar sem êxito, sobre o próprio ato de dizer ou nomear. Isso porque a narradora insiste em que o presente factual lhe é interdito, já que indaga: “O próximo instante é feito por mim? Fazemo-lo juntos com a respiração [...] E no instante está o é dele mesmo?”²⁸

Para a narradora, o instante e tudo que dele é percebido ou dito é um evento comunicativo, feito pela especulação linguística que procura capturar o que seria, de fato, o segredo do “agora” nessa novela. A narradora encena uma preocupação filosófica, justificando o seu jogo ficcional que questiona os limites da própria linguagem usada por ela: “por causa do mesmo segredo que me faz escrever agora como se fosse a ti, escrevo redondo, enovelado e tépido, mas às



vezes frígido como os instantes frescos.”²⁹

Se pensarmos em *Investigações filosóficas*, Wittgenstein abre o livro com uma citação de Santo Agostinho: “Nomeavam os adultos algum objeto e se voltavam para ele, então percebi e entendi que o objeto, pelos sons que eles proferiam, vinha a ser designado quando queriam apontar para ele.”³⁰ Agostinho, nessa proposição, descreve o sistema tradicional de referencialidade da linguagem em que uma palavra corresponderia a um objeto. Contrariamente, conforme a filosofia de Wittgenstein, nem tudo que chamamos de linguagem está nesse sistema. O filósofo vienense defende que, apesar de toda palavra ter um significado, justificando a substituição do objeto por códigos, em *Investigações filosóficas* ele vai mais além desse fato e procura refletir que essas identificações de objetos por palavras é um processo cultural e histórico, uma vez que afirma que nascemos e somos ensinados e treinados para perguntar: “como se chama isto?” — e então a denominação se segue. E há também, conforme ele, um jogo de linguagem que é inventar um nome para alguma coisa (“Assim as crianças nomeiam, por exemplo, suas bonecas, falam sobre elas e com elas”³¹).

Lispector, por meio de sua narradora, no campo ficcional, abre um jogo de linguagem com o seu leitor, instituindo um contrato de leitura em *Água viva* para experimentação do *nonsense* de proposições, motivada, provavelmente, pela figuração da indizível “coisa”: o insosso, o it. Esses termos figurados e criados no enredo escapam de imagens representativas do mundo real, sendo provável serem mostrados simbolicamente e não ditos denotativamente. Por conseguinte, os sentidos do que poderia ser o “é da coisa” passam a girar ao longo do texto

29

LISPECTOR, 1998, p.03.

30

WITTGENSTEIN, 1995, § 1 IF, p.171.

31

WITTGENSTEIN, 1995, §27 IF, p. 193.



sem uma precisão do objeto a que se refere: “E cada coisa que me ocorra eu anoto para fixá-la.”³² Esse jogo que aponta para o “absurdo errante” dos sentidos leva o leitor de *Água viva* a ampliar ou refletir sobre a palavra “verdade”, que a narradora desloca metaforicamente para a quarta dimensão, atrás do atrás do pensamento: o espaço do inominável. Desse fato, nasce a indagação do leitor: como definir o inominável em um espaço de palavras? Essa é uma tensão paradoxal a sustentar a ficção *Água viva*, ou seja, é um problema de linguagem.

Wittgenstein, no *Tratado*, defende que tudo no mundo material pode ser dito e é nominável pela força da lógica. Por campo bem diferente, Lispector, assim como Wittgenstein, especula essa lógica do dizer e do calar-se: “Ouve-me, ouve o meu silêncio. O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa.”³³ Por consenso, ambos defendem, com as devidas peculiaridades, o fracasso da linguagem, uma vez que “as funções da verdade não são funções materiais.”³⁴ Na perspectiva dos dois, é possível especular que o limite do mundo é o limite da linguagem, embora haja o que não se diz, mas se mostre por meio dela.

Lispector ficcionaliza, em *Água viva*, um espaço em que se brinca com a possibilidade do mostrar além do mundo e do estado de coisas. Na obra clariciana, a existência é menos consensual e mais sensorial, além de ética, e se entrelaça com tudo e todos: plantas, animais. Nesse sentido, as palavras se prestam a novas circularidades de sentidos. Entes e significados se hibridizam, e os significados se tornam errantes. A narradora sem nome procura o seu “é”, uma identidade que se confunde com o “é da coisa”. “Quero captar o meu é. E canto

32

LISPECTOR, 1998, p. 11.

33

LISPECTOR, 1998, p. 19.

34

WITTGENSTEIN, 1995, §5.44 TLF, p. 94.



aleluia para o ar assim como faz o pássaro. E meu canto é de ninguém.”³⁵ Lispector cria proposições figurando e criando quadros pictóricos que jogam com palavras e dissolvem definições denotativas. O jogo de Lispector é o mesmo que se presta genericamente a literatura, deslocar as palavras do seu uso comum. Ao fazer isso, a cena ficcional permite a ponte entre uma semântica conhecida a uma outra inaugural. Um exemplo é quando a narradora afirma: “Entro lentamente na escritura assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras — limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer.”³⁶ Nota-se a semiose³⁷, inclusive ironizando o significado clássico do mito de Platão³⁸: “E se muitas vezes pinto grutas é que elas são o meu mergulho na terra, [...] e eu, sangue da natureza — grutas extravagantes e perigosas, [...] onde os bichos que são doidos pela sua própria natureza maléfica procuram refúgio. As grutas são o meu inferno.”³⁹ Termos inanimados como “grutas” são personificados e se tornam sujeitos da oração, dinamitando relações gramaticais e lógico-convencionais entre sentidos e palavras. O leitor, em função disso, é levado a compreender o valor da inexpressividade, que é a marca da arte em *Água viva*. O olho da escritora está no limite racional do mundo e é motivado pelo que está além dele e de sua nomenclatura representacional:

35

LISPECTOR 1998, p. 03.

36

LISPECTOR 1998, p. 07.

37

Dentro da ciência dos signos, semiose é o termo introduzido por Charles Sanders Peirce para designar o processo de significação e de produção de significados.

38

Pelo pensamento de Platão, é possível atingir o verdadeiro “mundo real”, baseado na razão acima dos sentidos.

39

LISPECTOR 1998, p. 07.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

121

Sim, quero a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real. Ainda tenho medo de me afastar da lógica. [...] Que mal porém tem eu me afastar da lógica? Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento. [...] Estou em um estado muito novo [...] a ponto de não poder pintá-lo ou escrevê-lo.⁴⁰

Percebe-se que ela tenta desorganizar a força lógica das frases para abrir uma nova percepção, possivelmente solipsista⁴¹ e sensorial para o indizível. “Esta é a vida vista pela vida. Posso não ter sentido, mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa.”⁴²

Na filosofia do *Tratado*, há duas entidades fundamentais: o sujeito metafísico e o mundo. Eles estão um para o outro numa relação analógica, assim como o olho está para o seu campo visual. Nela, esse “sujeito não pertence ao mundo, mas é um limite do mundo.”⁴³, pois “tudo que vemos podia ser diferente do que é.”⁴⁴, já que “a existência e a não existência de estados de coisas é a realidade.”⁴⁵ O “sem sentido” que Lispector nomeia em *Água viva* não é um nada que não tem valor para ser conhecido, mas, ao contrário, é um possível espaço significativo além do limite do mundo. O inexprimível na obra clariciana é mostrado misticamente como um segredo ou como algo simultaneamente oculto e presente e que perpassa tudo, inclusive o ser da própria narradora: “Meu ‘it’ é

40

LISPECTOR 1998, p. 06.

41

Solipsismo, do latim *solus*, só, e *ipse*, ele mesmo. Filosoficamente designa isolamento da consciência individual em si mesma, tanto em relação ao mundo externo quanto em relação a outras consciências.

42

LISPECTOR 1998, p. 06.

43

WITTGENSTEIN, 1995, § 5.632 TLF, p.116.

44

WITTGENSTEIN, 1995, § 5.634 TLF, p.116.

45

WITTGENSTEIN, 1995, § 2.06 TLF, p. 34.



duro como uma pedra-seixo. A transcendência em mim é o 'it' vivo e mole e tem o pensamento que uma ostra tem.”⁴⁶

Wittgenstein, quando estava elaborando o *Tratado*, escreveu para o amigo Paul Engelmann⁴⁷ uma carta em que ele disse que, quando não se está preocupado em exprimir o inexprimível, nada se perde; que o inexprimível está contido de maneira inexprimível no que foi expresso. Na conferência sobre ética que Wittgenstein proferiu em 1929, ele também afirmou: “Vejo agora que estas expressões sem sentido não eram contrassensos, porque eu ainda não tinha encontrado as expressões corretas, mas que sua falta de sentido era sua própria essência”.⁴⁸ Ele confirmou esse pensamento no *Tratado*⁴⁹ ao defender que o solipsismo revela-se verdadeiro a si próprio, já que o eu filosófico não é o ser humano, mas o sujeito metafísico: “Aquilo que não podemos pensar não podemos pensar; também não podemos *dizer* aquilo que não podemos pensar.”⁵⁰ Essa é a chave para saber se o solipsismo é verdadeiro.

Lispector também desconfia da linguagem e do nome convencional e viciado das coisas, pois almeja a *água viva* ou a palavra primeira, que talvez seja a última a dizer “o nome” da verdade da vida. Essa tarefa tacitamente impossível e ousada mostra o fracasso da linguagem clariciana, que, ao mesmo tempo, adquire colorações de um exulto, pois, ao criar o seu próprio jogo de linguagem, ela mostra ficcionalmente a possibilidade de contato com uma realidade autêntica por meio da contemplação silenciosa. Benedito Nunes, em *o Dorso do tigre*, ao

46

LISPECTOR, 1998, p.19.

47

Apud MARGUTTI PINTO, 1998, p.252.

48

MARGUTTI PINTO, 1998, p.350-351.

49

WITTGENSTEIN, 1995, § 5.62 TLF, p.115

50

WITTGENSTEIN, 1995, § 5.61 TLF, p.115 (grifo do autor).



postular sobre a estética da escritora, salienta: “É preciso falar daquilo que nos obriga ao silêncio.”⁵¹ Wittgenstein, no *Tratado*⁵², defende que tautologias e contradições podem ter sentidos, pois estão no campo do simbolismo e não são imagens da realidade.

Pelo viés ético e estético, *Água viva* cumpre o propósito de vanguarda literária enunciado por Lispector em 1963: fazer ficção com um modo peculiar de apreensão do mundo e de compreensão de si mesmo e do outro, modificando a forma. Wittgenstein, ao que tudo indica, também exalta a importância dessa relação “fundo e forma” da linguagem. Ele, ao escrever uma carta para o seu editor Von Ficker, o advertiu sobre a sua produção no *Tratado*: “estritamente filosófica e literária ao mesmo tempo, se bem que não haja palavrório nela.”⁵³

3. Considerações finais

Não é distante que a filosofia borbulhante em *Água viva* ou a literatura (perspectiva transcendente-ficcional) no pensamento de Wittgenstein se encontrem travestidos por recursos retóricos e éticos, sobretudo, pela interseção da linguagem, que, operativamente ou poeticamente, são aproximadas pelo ato da *poiesis*⁵⁴, já que tanto a filosofia quanto a literatura, enquanto escritas, só existem em obras de linguagem. *Água viva* e os dois pensamentos de

51

NUNES, 2009, p. 134.

52

WITTGENSTEIN, 1995, § 4.4611 TLF, p.115.

53

MARGUTTI PINTO, 1998, p.298

54

Palavra de origem grega que, para este estudo, deve ser considerada como sinônimo de processo criativo, tal qual o conceito defendido no *Banquete* de Platão.



Wittgenstein tentam, a partir de objetivos diversos, mostrar os limites dessa linguagem, apontando para uma possível ética transcendental do silêncio e tensionando, dialeticamente, a intrincada relação ontológica entre o mundo, a linguagem e o pensamento. Se Wittgenstein I, no *Tratado*, busca a solução para a má compreensão da lógica da linguagem, traçando o limite dela no interior da língua e instituindo que o ético e o estético podem ser mostrados, mas não ditos, em sua segunda filosofia, *Investigações filosóficas*, ele passa a vincular as palavras e os seus significados aos jogos de linguagem, considerando-os pelas suas diversas situações de uso. *Água viva*, por outro lado, ao tentar ficcionalmente captar o “é da coisa” (missão impossível), elege a investigação do inominável, instituindo, concomitantemente, a especulação filosófica do que estaria fora do limite da linguagem, já que investe em comunicar “[...] sentido novo com expressões velhas.”⁵⁵ Para isso, é estabelecido com o leitor contrato ficcional que joga com a linguagem, convidando-o à introspecção da palavra que é “viva” tal qual a “água” que, em *Lispector*, fertiliza e nomeia uma autêntica percepção do mundo. Uma realidade nem sempre dita, mas passível de ser mostrada pela criatividade, assim como proclamam os versos do poema intitulado *Baudelaire*, do tcheco Rainer Maria Rilke, quando privilegia e ratifica o valor e a extensão da linguagem na literatura: “*Somente o poeta juntou as ruínas/De um mundo desfeito e de novo o fez uno/Deu fé da beleza nova, peregrina,/E, embora celebrando a própria má sina,/Purificou, infinitas, as ruínas:/Assim o aniquilador tornou-se mundo.*”⁵⁶

Referências Bibliográficas

55

No *Tratado lógico filosófico*, 1995, § 4.03, Wittgenstein escreve: “Uma proposição tem que comunicar um sentido novo com expressões velhas”.

56

Versos do poema “Baudelaire” de Rilke, traduzido por José Paulo Paes, 1993, p. 200.



Revista Araticum
Dossiê Antonio Candido

Programa de Pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Unimontes
v. 20, n. 2, 2019
ISSN: 2179-6793

125

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

COSTA, Claudio Ferreira. *Filosofia analítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

GOTLIB, Nádya Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARGUTTI PINTO, Paulo Roberto. "A dialética da linguagem e do silêncio em Ludwig Wittgenstein e Clarice Lispector". 2005. Disponível em: http://www.academia.edu/1883045/A_dial%C3%A9tica_da_linguagem_e_do_sil%C3%A2ncio_em_Ludwig_Wittgenstein_e_Clarice_Lispector. Acesso em: 02 de outubro. 2019.

MOSER, Benjamin. *Clarice*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NOLASCO, Edgar César. *Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura*. São Paulo: Anna Blume, 2001.

NUNES, Benedito, *O dorso do tigre*. 3a. ed. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 134.

RILKE, Rainer Maria. "Baudelaire". In:_____. *Poemas*. Seleção, tradução e introdução José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

WITTGENSTEIN. Ludwig. *Tratado Lógico-filosófico e Investigações filosóficas*. Trad. M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbernkian, 1995.

Breve currículo da autora

Katya Queiroz Alencar é doutora em Letras: Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Católica de Minas Gerais/PUC-MG, mestre em Letras: estudos literários – área de concentração: teorias da literatura e representações culturais pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF e professora do Departamento de Comunicação e Letras da UNIMONTES.